

SUL-AMERICANO

Orgam Litterario e Scientifico



ANNO IV

PROPRIEDADE DE
UMA ASSOCIAÇÃO

ESTADO DE SANTA CATHARINA
Florianópolis, 20 de Julho de 1903

REDACÇÃO
RUA TIRADENTES N. 2

NUM. 156

Expediente

Assignaturas

Semestre 2\$500
Pelo correio 3\$000

Annuncios conforme ajuste

ρ NOSSO REAPARECIMENTO

Noticiando o reaparecimento do nosso modesto hebdomadario, eis como se exprimiram os collegas da *Republica*, *Correio da Tarde* e *O Dia* desta capital:

«SUL-AMERICANO»

«Reappareceu hontem o «Sul Americano» orgam litterario e scientifico.

Compõem o corpo de redactores e collaboradores d'esse hebdomadario a exma. sra. D. Delminda Silveira e os srs. Alfredo Costa, José Brasilício, Wenceslau Bueno, Firmino Costa, João Gualberto, Adolpho Mello, João Tolentino, Dr. Genuino Vidal, Roberto Rilla, alferes Vieira da Rosa, Roberto Lopes, Octaviano Ramos e Alvaro Tolentino.

E' editor o sr. Gervasio Luz, proprietario do gabinete Democrata.

O apreciavel hebdomadario inscreveu no seu artigo edictorial os seguintes topicos:

« Propulsor da arte e dedicado á sciencia, o SUL-AMERICANO terá sempre as suas columnas á disposição de todos quantos se dedicam ao estudo, daquelles que, procurando illustrar o espirito, veem no livro um amigo, um exemplo, um preceptor.

Assim reaparecendo este jornal, seus redactores esperam a protecção do publico, que terá nelle não o pelourinho da reputação alheia, não a valvula das paixões mesquinhas, mas o amigo do povo, o arauto da verdade scientifica o protector da arte, o amigo sincero da terra catharinense.»

Não esquecendo os que em suas columnas collaboraram, o Sul Americano relembra em sentidas phrases, o passamento do illustrado sr. Eduardo Pires, a cuja memoria dedicamos dos collaboradores sonetos em que vasaram o profundo pesar pelo infausto traspasse do illustrado compatriota.

Saudamos effusivamente o distincto collega, a que, é de esperar, aguarda a mais bella e promissora carreira.»

(Do Republica)

«SUL AMERICANO»

«Reappareceu, hontem, no jornalismo catharinense, o hebdomadario cujo nome encimam estas linhas.

No mesmo formato em que se publicava em seu inicio, o illustrado collega traz um corpo de redacção e collaboradores que deixam antever um futuro brilhante em sua carreira.

São seus collaboradores: a exma. sra. d.

Delminda Silveira e os srs. José Brasilício, Wenceslau Bueno, Alfredo Costa, Firmino Costa, João Gualberto, Adolpho Mello, João Tolentino, Dr. Genuino Vidal, Roberto Lopes, Vieira da Rosa, Roberto Rilla, Octaviano Ramos e Alvaro Tolentino.

E' de seu artigo de apresentação:

«Pairando assim n'uma esphera superior, inacessivel á influencia da grande corruptora, que todos os sentimentos nobres sacrifica em seus altares, talvez que a muitos não agrade a conducta de nosso jornal, que jamais servirá de instrumento aos odios, á vingança, á intriga baixa e ignobil.

O «Correio da Tarde» deseja ao distincto collega uma longa e feliz existencia.»

(Do Correio da Tarde)

«O SUL AMERICANO»

«Conforme havíamos predito aos nossos bondosos leitores, reapareceu, no dia 15 do corrente, nitido, lavado em a luz esfuziante da intellectualidade do pugillo de esforçados combatentes, nas pugnas pelas artes, pelas letras, o sympathico e apreciado orgão da imprensa desta capital, o *Sul-Americano*.

O antigo corpo redactorial continúa firme no seu posto.

O programma de iniciação foi, em o novo cyclo, restabelecido e enunciado com firmeza, com precisão.

E' editado nas officinas do gabinete Democrata, de propriedade do sr. Gervasio Luz.

Ao distincto collega, ao «amigo do povo, o arauto da verdade scientifica, o protector da arte, o amigo sincero da terra catharinense», reiteramos, gratamente, as felicitações que já tivemos occasião de apresentar-lhe, fazendo os votos, os mais amplos para que unidos e vigorosos, os nossos, illustres collegas dêem ao bem redigido e bem impresso hebdomadario uma vida longa.»

(D'O Dia)

Agradecemos, penhorados, essas phrases tão lisonjeiras, que nos darão valor para continuar na rota que traçamos, no desempenho da difficil tarefa a que nos propuzemos.

Aos nossos illustrados collegas José Arthur Boiteux, da *Republica*, e Joaquim de Oliveira Costa, d'O DIA, agradecemos penhorados as felicitações que, pessoalmente, nos trouxeram pelo reaparecimento do nosso modesto jornal.

Foi encontrado entre os papeis existentes na thesouraria da Casa da Moeda um quadro a oleo, representando Nossa Senhora Sant'Anna, trabalho executado no seculo XVIII pelo notavel pintor brasileiro Manoel Dias—o Romano, segundo o annuario biographico de Joaquim Manoel de Macedo (1º volume.)

Aquelle precioso trabalho vae ser remettido para a Escola Nacional de Bellas Artes, attento o seu valor historico.

Dissertação Musical

A sciencia da harmonia

A harmonia musical, como hoje a comprehendemos, era inteiramente ignorada dos antigos. Os Gregos não empregavam accordes nas suas symphonias: as vozes e instrumentos cantavam e tocavam a mesma parte. Ora faziam o concerto em unisono, ao que chamavam *Homophonia*, ora metade dos musicos passava a executar uma oitava, e mesmo duas oitavas acima da outra metade, e tal era a *Antiphonia*.

No fim do seculo IX o monge Huchbaldo, de Flandres, fez as primeiras tentativas para affastar-se desse systema; ellas, porém, reduziram-se apenas ao emprego simultaneo dos intervallos consoantes de quarta e quinta.

Tão lentos foram os progressos da harmonia, que, pelo meiado do seculo XVI, ainda havia receio de usar das consonancias de terceira e de sexta ao começar e finalizar um trecho de musica.

Foi dessa data em diante, que mestres habeis começaram a grande revolução que veio produzir tão fecundos resultados para a arte musical.

Apparece então Palestrina, ergue-a da humilde posição em que se achava, e inaugura com esplendor a gloriosa carreira da escola da Italia

Mas, ainda assim, a harmonia empregada era vaga, pois apenas constava dos tres accordes consoantes: perfeito maior, perfeito menor e quinta diminuta.

A harmonia tornou-se completa, a tonalidade definiu-se com precisão, quando Claudio Monteverde, no principio do seculo XVI, adoptou o accorde dissonante de septima de dominante. Convém entretanto, observar que a indecisão dos compositores, o seu apego á harmonia consoante fizeram retardar ainda um pouco a riqueza que o emprego deste accorde promettia.

Por fim, cederam á sua influencia mysteriosa e irresistivel.

Ao lado delle vieram depois agrupar-se novos accordes: o de nona de dominante nos dois modos, os dois de septima de sensivel, o de setima de segunda, que tão poderoso auxiliar é para a modulação sem fallarmos daquelles que, formados de dissonancias artificiaes ou de alterações accidentaes, são uma exuberante mina para o encadeamento harmonico.

De todas essas joias lançaram mão os genios de Gluck, Haydn, Cherubini, Mozart e Beethoven; com ellas teceram as suas obras immortaes, crystallina fonte onde foram beber todos os compositores de merito que illustraram o seculo que findou.

SUPI JUNIOR

CONVERSAÇÃO MEDICA

Therapeutica

Existe no homem, assim como em todos os outros seres organizados, uma força interior, que preside a todos os phenomenos da vida, em seus periodos successivos, luta sem cessar contra as leis physicas e chimicas, recebe a impressão dos agentes mortiferos, reage contra elles; que desenvolve, por consequencia, os symptomas das molestias, determina a marcha e opéra a sua solução por um mecanismo igualmente impenetravel.

Essa força, que se confunde com a vida, que começa e cessa com ella, que é inherente aos órgãos e que delles não seria distincta si não os abandonasse ao cabo de um certo tempo; essa força inteiramente desconhecida em sua essencia, e patente sómente por seus effeitos, chamada por alguns *força vital, poder interior*, tem sido mais geralmente designada sob o nome de *natureza*, desde Hippocrates até aos nossos dias.

Admittindo a existencia dessa força, os medicos não teem a mesma opinião sobre as suas attribuições.

Estes consideram-n'a um principio intelligente do qual todos os actos seriam formados e por assim dizer voluntarios; aquelles, fixando-se em extremo opposto, fazem consistir a *natureza* na elasticidade e oscillação das fibras e no movimento progressivo e circular dos liquidos; outros, como Sydenham, empregam este termo no mesmo sentido que hoje aqui applicamos.

A cura, ou a passagem da molestia á saude, é o resultado de uma transformação interna, que se opera nos órgãos; esta mudança é necessariamente subordinada á força que preside a todos os phenomenos da vida; é, pois, á ella que a cura pertence.

Todavia, como uma multidão de circumstancias pôde embarçar ou favorecer a sua acção, a arte concorre á cura das enfermidades de uma maneira mais ou menos efficaz, dando aos esforços da natureza uma direcção e medida convenientes afastando os obstaculos que poderiam embarçal-os.

Ora, tal é, na solução das molestias, a parte da *therapeutica*, ramo da pathologia, que tem por objecto o tractamento das doenças. Tractar uma molestia é arredar tudo o que pode exercer sobre ella uma influencia contraria; é reunir todos os meios proprios para diminuir a sua duração e intensidade.

CHOMEL

A telephonia sem fios, é, ao menos para pequenas distancias, um facto consumado.

Em Maio deste anno fez-se uma experiencia em North-River, America do Norte, entre duas barcas affastadas uma da outra cerca de 500 metros.

O inventor F. Collins achava-se em uma del-las, no camarote do piloto, e seu irmão Dr. Bayard Collins no mesmo lugar da outra.

O aparelho consistia em um receptor e um transmissor ordinarios, com fios para o topo do mastro e para a agua, terminando estes ultimos em um cabo destorcido de cobre. O ar e a agua conduzem a corrente electrica e os recados de uma á outra barca.

F. Collins, em presença de muitos scien-tistas celebres, dirigiu-se ao telephone, e com voz demorada e clara disse a seu irmão que, apenas ouvisse a ultima palavra, abanasse com o lenço. Effectivamente, poucos segundos depois, viu-se sahir o Dr. Collins do camarote da outra barca e fazer o que seu irmão lhe dissera.

O astrónomo Serviss, que estava ao lado do Dr. Collins quando foi recebido o recado disse que os sons lhe pareceram muito fracos, o que entretanto não é de admirar, visto como logo confessou ser um pouco surdo.

O inventor continua a aperfeiçoar os seusapparelhos, e é de suppor que a esta hora novas experiencias se tenham realisado, e á maior distancia.

Pantheon Catharinense

XVI

SILVERIO NUNES DE FARIAS

ENLEVOS

A. M. I.

Era uma noite assim: Nos Ceus formosa
A lua se ostentava;
Ao longe uma vóz doce e mavioza
Um canto modulava
Ferindo um'harpa eolia, sonora !

Era uma voz de Archanjo ! Oh ! eu sentia
Tocar-me ao coração !
Nunca, meo Deus, ouvi mais melodia,
Nem mais terna canção,
N'essa hora de mystica poezia !...

E merencorio ouvindo o doce canto
Ai ! chorei um momento !
E foi-me tão suave esse meu pranto,
Que trocou-me em alento,
A dôr que me opprimia, ai ! tanto...tanto !...

E os tristonhos, do peito meu, gemidos
De dores, de pesares,
Voarão de minh'alma desabridos,
E echoarão nos ares
Com os ais do coração tão compungidos !

E ouvindo o som dess'harpa gemedora
E aquella vóz tão bella;
Chamei por ti querida, nessa hora
Em que d'alva a estrella
Das aguas crystalinas se namora ? !

Erguendo a fronte que encostada eu tinha,
Nas mãos geladas pela noite fria,
Não mais pairava já nos Ceos a lua
Que nas montanhas se occultado havia !

E a voz do Archanjo, de cantar cessara !
E a harpa eolia não soava mais !
E ao longe os echos repetião brandos,
Os de minh'alma suspirozos ais ! !

E assim querida, despertei do somno !
Não via a lua, não ouvia o canto;
Tive saudades por não ver teu rosto,
E a saudade me inspirou o pranto !

OUTUBRO 1862

Calcula-se em 865 tonelladas o peso das moedas de ouro actualmente em circulação por todo o mundo

A maior estatua que se conhece é a de Pedro o Grande, em S. Petersburga peza 1000 tonelladas.

UM FUNERAL

Maria, a flor purpurina,
Não canta mais ao luar:
Morreu a doce menina
Sem um suspiro vibrar.

Do céu á luz chrystallina
Parece agora reinar
Uma saudade divina
E um anjo estranho a chorar

Morreu a fragil Maria
Que de illusões só vivia
Sonhando sempre e ridente!

Os olhos seus magoados
Estão sem luz, congelados
Da morte ao bafo inclemente.

ROBERTO LOPES

Sonata d'alma

XXVI

Passados os primeiros momentos de surpresa, por vêr diante de si o frade disfarçado, José Francisco acalmou-se, e, fingindo não conhecê-lo, comprimou-o com a affabilidade que naturalmente se origina entre aquelles que juntos entregam a sua sorte aos caprichos do oceano.

O frade mostrou sympathisar com elle. Approximou-se e entabou uma ligeira conversação, fazendo-se passar por um empregado de fazenda aposentado, que do Rio Grande se dirigia para a capital federal.

José Francisco, por seu lado, pagou-lhe na mesma moeda, impingindo-lhe a petta de que era caixeiro viajante, e que tendo terminado a sua excursão pelo interior do Estado, voltava também para o norte.

Nesse caracter fizeram toda a viagem.

Ao desembarcarem, despediram-se affectuosamente, desejando poderem ainda encontrar-se outra vez.

O frade tomou um carro e rapidamente affastou-se do caes. O seu companheiro de viagem, achando conveniente não perdê-lo de vista, tomou outro vehiculo e ordenou ao cocheiro que seguisse na mesma direcção.

Poucos minutos depois apejava-se o frade á porta de um hotel de modesta apparencia, de cuja situação José Francisco tomou nota.

Então dirigiu-se este á estação telegraphica, e pondo-se em comunicação com a desta capital, foi agradavelmente surprehendido pela noticia de haver aqui um telegramma da Europa para elle, e cujo conteúdo lhe foi transmittido em seguida.

Ficou radiante de alegria.

Raul em caminho para Marselha; Julia para a Suíça.

O amor attrahia-os irresistivelmente.

José Francisco já antevia o desfecho do seu plano.

Poderia daqui annunciar a Raul o paradeiro de Julia, mas de um lado a dificuldade de entrar em minuciosos detalhes com o seu amigo pelo telegrapho, e do outro o desejo que desde tanto tempo nutria de visitar o Velho Mundo, levaram-no a adoptar o alvitre de ir elle mesmo ter com Raul, e juntos emprenderem a viagem para a Suíça, onde deveria realisar-se o consorcio daquelles dois martyres do amor.

Neste ponto uma ideia atravessou-lhe o espirito.

—E o frade? Não poderia elle tel-o reconhecido? Elle que o vira tão de perto naquella tarde em que tecera o elogio funebre de frei Leandro á beira da cova que por este foi logo abandonada? Não queria elle acompanhá-lo como uma sombra, e ser um estorvo á realisação dos seus designios?

Era preciso, pois, agir de modo a impedil-o de seguir naquelles primeiros dias para a Europa.

Mas como? pensava elle.

Depois de reflectir por algum tempo, murmurou: E' isto! Não lhe causará grande mal; no fim de contas não passará de um *qui pro quo* de que lhe será facil livrar-se dentro de alguns dias, e nesse entretanto eu me terei sufficientemente distanciado d'elle.

Assim pensando, deixou a estação e tomou a resolução de hospedar-se no hotel em que se achava o frade.

Lá chegado, o seu primeiro cuidado foi escrever uma carta que mandou levar á posta urbana.

Procurou, em seguida, encontrar-se com o seu antagonista, o que lhe foi facil, pois este passeiava vagarosamente na sala como entregue á reflexão.

Vendo José Francisco, o frade deixou perceber um gesto de descontentamento e os olhos brilharam-lhe com vivacidade.

—Demo-nos parabens pelo acaso que de novo nos reuniu, disse o moço em tom jovial.

—De facto, não contava encontrá-lo tão cedo nesta grande cidade. Um tal acaso é realmente de estranhar.

—E' verdade; como o sr. preferi também um hotel de menos bulicio, e eis porque me indicaram este como um dos que mais me poderia convir.

—Aqui se está bem á vontade e ainda em maior liberdade ficaremos se formos palestrar um pouco no meu quarto.

O moço accordou, e apenas reatada a conversação, o frade pediu-lhe que aceitasse um charuto, cuja

PARNASO

MOTE

*A natureza tranquilla
desperta aos raios do sol!*

O sol de Agosto scintilla
no Céu de azul resplendente;
não teme o inverno inclemente
a natureza tranquilla.
As lindas flores cheirosas
estendem as pet'las mimosas
á doce luz do arrebol,
e o bosque em dulcizados cantos
da Primavera aos encantos,
desperta aos raios do sol!

BRASILIA SILVA

Suaves gottas distilla
A arv're, de flores nua,
Que deu-lhe ao clarão da lua
A natureza tranquilla;
Um concerto de harmonias
Resôa nas ramarias
Saudando o aureo arrebol
E o colibri que dormita
No calix da flor bonita
Desperta aos raios do sol

MARIA

Eu não me inspiro sómente
na luz do sol que rutila;
tambem dá-me inspiração
a natureza tranquilla!
A flôr que perfuma a brisa
que se escôa, se deslisa,
a luz doce do arrebol,
fecha o calix brando e brando
para abril-o quando.... quando
desperta aos raios do sol!

SIMONIDES

O astro - rei não rutila,
Emmudece o furacão
Está em toda extensão
A natureza tranquilla.
Eis que nas azas do vento
Voa um suave conceto
Ao matutino arrebol;
Eis a treva afugentada
E a natureza animada
Desperta aos raios do sol

A. P.

Do dia a luz já scintilla
Por sobre o mar ondulante
Saudando alegre, iriante
A natureza tranquilla.
Além, nos bosques floridos,
Em lindos cantos sentidos
Não gorgelia um rouxinol;
Mas no campo uma alegria
Em doce, immensa harmonia
Desperta aos raios do sol.

R. L.

Eu não troco a minha villa
Pela mais bella cidade;
Amei sempre a soledade,
A natureza tranquilla
Depois da noite silente
Vem chegando brandamente
Da madrugada o arrebol,
E da collina no cume,
A flôr banhada em perfume
Desperta aos raios do sol.

UM PROFANO

A estrella d'alva scintilla
Na brisa fresca do mar
Que gososa vem beijar
A natureza tranquilla!
Tudo é amor e ternura
E' poesia é ventura
Nas sombras do arrebol
Do crepusculo matutino
E a passarada n'um hymno
Desperta aos raios do sol!

VELHINHO CATHARINENSE

Parabens aos redactores
Pelo aroma que distilla
N'estas columnas de flôres
A natureza tranquilla
E no jardim florescente
Sobre as pet'las docemente
Vai cantar o rouxinol
Quando o Sul - Americano
Com as glorias de Veterano,
Desperta aos raios do sol

J. DUTRA

A luz do sol já rutila.
Campos, mares, serraania,
Tudo é paz é alegria.
A natureza tranquilla
Despindo da noite o véo
Vio sumir-se além, no-céu
Bellas côres do arrebol;
E qual insonte creança
Cheia de vida e esperança
desperta aos raios do sol.

Jaguaré

Para o proximo numero temos o seguinte
Mote

*Dumond resolve o problema,
enchendo o mundo de pasmo.*

EMFIM...

Insectos pernaltos ó mosquitada!
Vibrai sem demôra um tremendo alerta,
Que eu vejo contra vós de guela aberta,
Uma guerra por sabios declarada.

Da tão nefanda febre esfomeada,
Matando sempre n'um terror desperta,
A causa nós ja temos descoberta,
A causa nós ja temos desvendada.

Sois vós o transmissor do mal febril,
Desse mal inclemente e assim tão vil
Que a vida nos devôra em quatro dias.

A premio será posta uma invenção,
Que contra a vossa fome e um tal ferrão
Da morte nos afaste as picardias....

R. L.

LOGOGRIPOS

Ao velho amigo Acteon

Aos ares me elevo
Sem ser um condor;—2, 3, 4, 1, 6
De mim fazem vestes
Com todo o primor.—5, 6, 7, 2

Do gelo ou da neve
Herdei a brancura; 3, 6, 7, 7, 4, 1, 2
A tenra orphásinha
Em vão me procura.—7, 6, 4, 5, 6

De ser rei ou santo
não tive o destino,
e nem me amotino,
pois já subi tanto
que no Pantheon
e no Parthenon
me vês sem espanto.

Paganel.

Carta confidencial

Meu caro amigo 1,2,3,4,5

Peço-te que me mandes tres 5,4,3,4,5 para a mi-
nha tia 1,2,3,5,4, a qual em paga te ha de offerecer
uma moqueca em que, como é de 2,1,3, não have-
rá falta de 5,4,2, nem da cheirosa 5,4,2,5,4.

Muitas lembranças da 2,4,3,5 e da 2,3,4, e um
apertado abraço

Doteu querido amigo 3,5,4,3,4,5

CHARADA

1—2—Em Constantinopla minha avó aprecia agora
o brilho de Venus.

LEO.

Annuncios**A' SEM RIVAL**

Guarda - chuvas por preços sem compe-
tencia, vende-se n'A Sem Rival.

*Rua Trajano; 11--A**José do Patrocínio Lima*

ANTIGA CASA DA FAMA

Rua Altino Corrêa, n. 8

FAZENDAS, ARMARINHO E CHAPEOS

Grande variedade de tecidos nacionaes:—
riscados, algodões, morins, etc, etc.

Lindo sortimento de pelucias, flannels
e mais artigos para a Estação.

PREÇOS BARATISSIMOS

*Verdadeiro Baratilho***JOSE' DE SENNA PEREIRA**

*Rua Altino Correia n. 8, (Canto da Rua
Trajano)*

AOPUBLICO

A casa da SYRIA chama a attenção de
sua respeitavel e numerosa freguezia, para
a grande liquidação que está fazendo de arti-
gos proprios para a Estação.

Ninguém deve, pois, munir-se de fa-
zendas e armarinhos sem fazer uma visita á
referida casa.

APROVEITEM A PECHINCHA!!

*Em frente ao Hotel Brasil***Miguel Bufaraco****DEMOCRATA***Gabinete Typographico*

Executa-se com promptidão e esmero to-
do e qualquer trabalho concernente á arte typ-
graphica.

RUA TIRADENTES, 2-

Gerpasio P. da Luz

qualidade era reputada optima, emquanto elle mesmo accendia outro para si.

Decorridos alguns momentos, aquelle commeçou a sentir que a cabeça lhe andava á roda e a vista se lhe obscurecia.

Quiz fallar mas a lingua recusava-se a articular claramente os sons.

Em breve cahiu em um profundo entorpecimento.

Então o seu interlocutor, que acompanhara com vivo interesse o que se acabava de passar, aproximou-se d'elle e começou a explorar-lhe as algibeiras, dizendo em voz baixa:

—Não ha duvida que este homem traz consigo qualquer prova ou qualquer indicio de que tenta antepôr-se no caminho que a mim mesmo tracei. Desde a primeira vez que o vi a bordo, desconfiei d'elle.

Mas... que vejo! exclamou elle arregalando os olhos sobre um papel que acabava de achar na carteira de José Francisco.

—Raul em caminho para Marselha! — Ah! frei Zacarias tinha razão; não ha mais segredos para o hypnotismo.

—Então continuou elle repondo todos os papeis nas algibeiras do moço, eu fui descoberto por este homem... Quetramará elle contra mim? Seja como for, preciso deixa já esta casa, tomar o trem para Santos e de lá sreguir para a Europa. O narcotismo que este prodigioso charuto lhe produziu, durará ainda por uma meia hora, tempo bastante para eu estar longe d'aquí. Fugamos!

Metteu alguma roupa em uma pequena mala, e cautelosamente sahio do quarto.

Era noite.

Achava-se já no meio da sala illuminada por alguns bicos de gaz, quando um individuo assomou á porta que elle tencionava transpôr, e, tendo-lhe passado um golpe de vista dos pés á cabeça, bradou-lhe: A ordem do sr. dr. chefe de policia, está preso!

O frade deixou cahir a mala da mão, sentiu que o chão lhe fugia dos pés e apenas conseguiu murmurar com voz tremula:

—Preso!

(Continúa)

J. TABORDA

Ha provavelmente em todo o mundo só uma cidade construida de vidro, e esta pode encontrar-se perto do parque de Yellowstone, nos Estados Unidos. O vidro não é artificial e sim natural, devendo a sua formação a secuos de acção volcanica. E' de cor verde-escura ou negra, mas parece-se a todos os respeitos com o producto artificial. Podendo ser facilmente cortado em chapas e resistindo ao tempo, isto o torna um excellente material de construcção.

O cabelo é como o vegetal, cresce mais exposto á luz do que na escuridão. Tem-se verificado em homens empregados em escriptorios ou repartições, e que se sentam sempre com o mesmo lado para a luz, que é desse lado que mais lhes crescem o bigode e a barba.

FOLHETIM

Tristeza á Beira Mar

POR

PINHEIRO CHAGAS

(Continuação do n. 154)

V

E ambas, agarradas uma á outra, sentaram-se ao pé do leito, e com os braços entrelaçados e as frentes unidas, ali estiveram, rezando, chorando e trocando de vez em quando algumas palavras em voz mansa.

Quando a aurora rompeu, encontrou-as no mesmo sitio, ambas pallidas, ambas prostradas pelas commoções. Os lividos raios de uma manhã triste de outono davam um tom amarellado ás fontes de marfim das duas meninas, que mais pareciam freiras asceticas e maceradas. A chuva alagara o chão do quarto e os restos das velas expiravam nos castiçais, fazendo fogueira com os pedaços de papel que as cingiam. A cama estava intacta, as paredes nuas tingiam-se levemente com o indeciso alvor da madrugada, que lhes dava um aspecto funebre. Acalmara-se a procella, emmudecera o vento, e as ondas aplacadas en-

O VALOR DO DINHEIRO

Não pôde haver melhor escravo que o dinheiro; mas tambem não pôde haver peor senhor.

D. Francisco de Portugal.

Saude, juizo e virtude
E' que dão a felicidade;
Tão só com esta trindade
Póde o thesouro valer.
Qual é o 'spirito lucido,
A quem a razão acode,
Que vir seriamente póde
A minha asserção bater?

Erram todos os que dizem
Que o dinheiro vale tudo!
Só em mão d'homem sisulo
O dinheiro tem valor!
O ouro em poder do prodigo,
Ou d'um ricoço avarento,
E' vil escravo, sustento,
Ou um pessimo senhor!

Neste mundo de miserias
Não ha nada absoluto;
Desce mais baixo que o bruto
Quem faz do dinheiro um deus!
Qual é o 'spirito lucido,
A quem a razão acode,
Que vir seriamente póde,
Contestar os versos meus?

Si a virtude só não vale,
Como é que o ouro, que é terra,
A felicidade encerra?
Esta asserção causa dó!
Que o dinheiro é um grande meio
De certo não é tolice;
Um profundo sabio o disse;
Porém não ha de vir só!

De que me serve o dinheiro
Si não encontro comida,
Si não encontro bebida,
Ou si estou para morrer?
Qual é o 'spirito lucido,
A quem a razão acode,
Que vir seriamente póde
A minha asserção bater?

Quem não trabalha e só gasta
Fica na extrema pobreza;
Mas o que guarda a riqueza
E' igual ao que a não tem.
O que só passa a miserias,
Sendo rico ou remediado,
E' um pobre desgraçado
Que só merece desdem.

A. P.

toavam mansamente o seu cantico monotono, quebrando-se com languidez no areal.

VI

Já era perto de meio dia quando as duas irmãs appareceram na sala, onde o avô as esperava, bastante inquieto tomando o sol, que rajara claro e alegre depois da noite procellosa. Vinte vezes tinha ido a velha Maria ao quarto das meninas saber se tinham tido alguma cousa. Porem, como a creada sempre voltava dizendo que as duas irmãs dormiam um sono, tão socegado, que pareciam dous anjos do céu, o bom velho ficava sem se atrever a mandal-as acordar, mas extrahando a tardança de Leonor, e raiando e rabujando por se ter visto obrigado a almoçar sem ter ao seu lado a sua linda netasinha.

Finalmente sentiu passos na escada, ouviu um chilrear de vozes alegres, e dahi a instantes viu entrarem as duas irmãs um pouco pallidas, é verdade, com os olhos cercados de uns circulos cor de violeta, mas alegres como uns passarinhos e não conservando na physionomia vestigios muito profundos dos nocturnos terrores.

—Bons dias, meu avô, exclamou Leonor, correndo para elle e deixando-o com o seu azougueamento habitual.

O velho beijou-a com ternura, mas depois, como que reflectindo, desviou-o dissimulando descontentamento, disse com frieza:

—Até que afinal! Julguei que não vinha hoje!

TELEGRAPHOS

No dia 14 do corrente foi inaugurado o serviço telegraphico feito pelos novosapparelhossystema Baudot, entre o Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Assistiram a inauguração o Sr. Presidente da Republica e altos funcionarios publicos.

Nessa occasião a estação Central correspondeu-se com Buenos Ayres, Assumpção, Santiago e La Paz, trocando o Dr. Rodrigues Alves amistosos cumprimentos com os Presidentes e Secretarios de Estados das Republicas do Sul.

A quantidade de fio empregado entre Rio e La Paz é 6.000 kilometros.

Todas as pessoas que assistiram a inauguração desse serviço, retiraram-se satisfeitissimas, tendo observado a rapidez com que são transmittidos o recebidos os despachos pelos apparelhoss Baudot.

Com esta aquisição a Repartição geral dos telegraphos está apparelhada a competir com maiores vantagens, com as mais adiantadas administrações estrangeiras, que, na sua maioria, não possuem apparelhoss identicos aos de Baudot.

Felicitemos o telegrapho nacional por tão auspicioso facto, que vem provar, que no Brazil não se está tão atrazado em telegraphia como geralmente supõem aquelles que não tractam de conhecer o aperfeiçoamento, o progresso que tem fei o não só o telegrapho nacional como outros departamentos da administração publica.

Um pianista é obrigado a cultivar a vista a ponto de ver 1500 notas em um minuto, os dedos para fazerem 2000 movimentos, e o cerebro para comprehender todos esses signaes movimentos. Executando o *Moto continuo* de Veber, o pianista tem de ler 4541 notas em menos de quatro minutos, ou approximadamente dezenove por segundo; mas como os olhos só podem receber cerca de dez impressões consecutivas por segundo, segue-se que o pianista não vê as notas uma apoz outra, mas em grupos, abrangendo um compasso ou mais a cada golpe de vista. Na segunda parte do *Estudo em Re menor* de Chopin, é preciso ler-se nada menos de 3950 notas em dois minutos e meio, ou cerca de vinte e seis notas por segundo.

TRIOLET

Que semana tão chuvosa
Esta que agora findou!
Mais de uma moça exclamou:
Que semana tão chuvosa!
Esta terra é a mais ventosa
Que Deos no mundo botou....
Que semana tão chuvosa
Esta que agora findou!

—O' meu avosinho! exclamou a travessa, ameaçando-o e sentando-se-lhe no collo, não se zangue commigo... Olhe a Magdalena, que está ha tempos a dar-lhe os bons dias!

—Bons dias, Magdalena, respondeu a final Bartholomeu, estendendo a mão á recém-chegada, que lhe beijou melancolicamente. Maus costumes traz de Lisboa para cá... Levantar-se ao meio dia! Não é uso nas aldeias.

—Está bom, meu avô! disse a animada Leonor, erguendo-se e franzindo o sobrolho. Nada de ralhar com minha irmã! Eu é que tive a culpa, porque fui eu que me levantei tarde.

O velho marinho, quando não cedia ás caricias de Leonor, cedia sempre ao seu franzir de sobrolho prenuncio de terriveis tempestades. Gostava de obedecer ás ordens imperiosas de sua neta. Via nessa altivez indomavel um reflexo do seu antigo genio.

Ao principio, quando o seu espirito ainda não tinha vergado ao peso da idade, que só sentira (mas com que força!) nesses ultimos dez annos de dique, segundo a sua phrase, ao principio, como eu ia dizendo, tivera s rude marinho os seus assomos de colera e quizerá luctar com a creança que ousava resistir-lhe. Mas a obstinação infantil vencera a ferrea vontade do velho. Leonor, repellida por Bartholomeu, ia fechar-se no seu quarto, e nunca as ameaças deste, mas só as suas supplicas, conseguiam fazel-a sair da sua prisão voluntaria.

Continua